



interculturalidades

Apresentação

Imigração, retorno e refúgio: como estamos



Interculturalidade” é um termo que assinala uma dimensão de interação, contato entre pessoas de culturas distintas. Atualmente, a migração é considerada um dos temas definidores do mundo globalizado, em função do

grande número de deslocamentos no mundo. Criado em 2009, o Grupo Diálogos Interculturais, um grupo interdisciplinar e interinstitucional do IEA-USP, tem como objeto de reflexão e investigação, sob múltiplas abordagens, o fenômeno do contato entre culturas decorrente dos deslocamentos humanos. O grupo congrega pesquisadores de diferentes áreas e enfoques teórico-metodológicos específicos, que buscam compreender o complexo fenômeno da migração, tema por excelência interdisciplinar. Apresentamos neste dossiê artigos dos membros e de convidados que proferiram palestras em eventos do grupo.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), cerca de 244 milhões de pessoas residem em país diferente daquele onde nasceram, um aumento de 41% em relação ao ano 2000. Destes, quase 20 milhões são refugiados. Este número se eleva consideravelmente se levarmos em conta

os filhos de migrantes que nascem nos países onde seus pais se estabeleceram (Sam & Berry, 2006).

Cabe lembrar que o Brasil sempre foi considerado um país de imigração, podemos dizer, desde a colonização portuguesa. Povos nativos sofreram uma violenta invasão, foram escravizados, catequizados e muitos morreram em decorrência de doenças de contato. Posteriormente, até 1850, cerca de 4 milhões de pessoas de diferentes regiões e etnias do continente africano foram escravizadas e forçadas a vir para o Brasil. Ao término do período escravocrata, políticas governamentais atraíram imigrantes alegando falta de mão de obra, políticas que encobriam um projeto de branqueamento da população brasileira pautado em ideais eugenistas. Partia-se da ideia de que, com o processo de miscigenação, descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. Entre 1872 e 1972 mais de 5 milhões de imigrantes entraram no Brasil, a maioria proveniente de Portugal e da Itália, mas também da Espanha, Alemanha, Japão e de países do Oriente Médio. Contudo, em meados dos anos 1980, pela primeira vez no país ocorre um processo inverso ao da imigração, um fluxo significativo de brasileiros deixa o país em busca de melhores condições de vida em terras estrangeiras. Em 2008, o Ministério das Relações

Exteriores (MRE) estimou em mais de 3 milhões o número de brasileiros vivendo em 117 países onde há representação diplomática brasileira.

O Brasil entra na dinâmica da migração internacional contemporânea não só como país de envio, mas também de recepção. Imigrantes coreanos, chineses e bolivianos somam-se à estimativa de um milhão de estrangeiros residentes no Brasil. Entidades voltadas para o atendimento de imigrantes indicam número maior, com as restrições a latino-americanos por parte do chamado Primeiro Mundo na América do Norte e Europa. O país é também receptor de refugiados, contando atualmente com cerca de 9.950 pessoas de 80 nacionalidades, entre sírios, congoleses, colombianos, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça, além de haitianos que receberam o visto humanitário. Além disso, há os migrantes retornados. Com a crise financeira mundial de 2008 mais de 455 mil brasileiros que haviam emigrado para os Estados Unidos, Japão e países europeus retornaram para o país. Constituímos, portanto, uma sociedade plural e aprofundar a temática migratória revela os processos presentes na formação da sociedade brasileira e nos aproxima de um fenômeno extremamente dinâmico. Quem hoje chega, amanhã pode estar partindo. Deslocamentos “voluntários” ou forçados decorrentes da lógica de uma globalização assimétrica do capitalismo.

A fim de tratar dessa temática, o linguista e especialista em literatura árabe e africana, Paulo Daniel Farah, apresenta um panorama do refúgio no Brasil e a crescente xenofobia, racismo e discriminação contra refugiados e imigrantes. Aponta em seu artigo “Combates à Xenofobia, ao Racismo e à Intolerância” que se observam, de um lado, iniciativas no campo da judicialização, mas com poucos efeitos, e, de outro, ações educativas que promovem conscientização e humanização, como no caso da BibliAspa.

“Um Intérprete Africano do Brasil: Kabengele Munanga” é uma transcrição editada de encontro realizado com o antropólogo Kabengele Munanga, especialista na questão da identidade negra no Brasil. Conhecemos detalhes de sua trajetória de vida no Congo durante a colonização belga, como acadêmico, militante e o olhar de quem transitou entre países e culturas. No debate estiveram presentes

professores, estudantes e profissionais de mais de 20 universidades, coletivos e núcleos.

Em “Estrangeiros na Metrópole: Territórios e Fronteiras da Alteridade em São Paulo”, a socióloga e urbanista Maura Pardini Bicudo Vêras mostra como os processos de imigração, inclusive de imigração forçada, acentuam as questões ligadas à inserção de novos contingentes às sociedades receptoras e a repercussão espacial como segregação e relegação urbanas. Discriminação no trabalho, na moradia, na sociabilidade e na expressão de suas culturas configuram processos de vulnerabilidade e interculturalidade.

Sylvia Dantas, psicóloga social, intercultural e psicanalista, contribui com o artigo “Saúde Mental, Interculturalidade e Imigração”, e indica que ao lado de iniciativas exitosas de acolhimento presenciemos situações de discriminação, estigmatização e patologização por parte de uma sociedade comumente vista como hospitaleira. Aponta que os processos psicológicos específicos à imigração precisam ser compreendidos e apresenta a formulação da abordagem intercultural psicodinâmica.

O psicólogo social sul-africano radicado na Austrália Christopher C. Sonn e o psicólogo sul-africano Garth Stevens discorrem sobre como os padrões de raça e classe continuam a moldar subjetividades de sul-africanos mesmo depois de 20 anos do fim do *apartheid*. No artigo “Histórias do *Apartheid*, Memória e Pertencimento entre a População da Diáspora Sul-Africana na Austrália” mostram que aqueles que emigraram vivem processos específicos de construção identitária e negociam seu senso de inclusão, que envolve as memórias de opressão e a relação com o país de origem.

Adriana Capuano, socióloga, em seu artigo “Uma Questão de Identidade! Migrações e Pertencimento na Dinâmica do Mundo Globalizado” tece reflexões sobre identidade, pertencimento, Estado-nação, refúgio, fluxos migratórios mais recentes para o Brasil e o quadro atual dos deslocamentos humanos no mundo globalizado.

Já o psicanalista Plínio Montagna, no artigo “Alma Migrante”, discute a migração humana em seus componentes intra e interp-síquicos, aspectos identitários e as ansiedades despertadas em processo de potencial traumático, podendo levar a experiências de despersonalização e desrealiza-

ção. As migrações apresentam a necessidade de elaborar lutos. A resiliência psicológica significa poder retornar ao modo de ser em outro espaço.

O médico C. Eduardo Siqueira e a socióloga Sueli Siqueira, no artigo “O Perfil Sociodemográfico e de Saúde dos Retornados Mineiros para a Região de Governador Valadares”, descrevem

uma pesquisa sobre a saúde de 124 brasileiros retornados. Os autores indicam que os problemas de saúde relacionados às condições de trabalho observados em pesquisa anterior nos EUA parecem permanecer no Brasil.

Esperamos, com este dossiê, contribuir para a reflexão, pesquisa e atuação nessa área.

Sylvia Dantas